

MITO E DIREITO: AS FIGURAS FEMININAS – DAFNE E ECO – E A MULHER MARIA DA PENHA

Elaine Cristina Prado dos Santos*
Sérgio de Souza Zocratto**

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a construção da identidade feminina, demonstrando que os arquétipos são tratados como potenciais psíquicos, relacionados às experiências universais da Humanidade. Para se alcançar tal propósito, serão selecionados os mitos de Dafne e de Eco, extraídos da obra *As metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, I a.C., com a intenção de verificar os atributos constitutivos do feminino e de estabelecer um elo entre as figuras míticas – Dafne e Eco – e a mulher Maria da Penha.

Palavras-chave: mito; direito; Maria da Penha.

■ **A** conquista do espaço feminino, segundo reflexões de Zinani (2006, p. 25), acontecerá na medida em que a mulher assumir seu discurso e realizar uma arte e uma crítica centradas na figura feminina, adquirindo voz e visibilidade de tal forma a subverter o silêncio milenar a que sempre foi submetida. A partir dessa afirmação, este trabalho tem como foco apresentar a construção da identidade feminina, por meio dos arquétipos¹, que são tratados como potenciais psíquicos, relacionados às experiências universais da Humanidade. Para se alcançar tal propósito, selecionam-se os mitos de Dafne e de Eco, da obra *As metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, I a.C., com a intenção de

* Doutora em Letras Clássicas-Latim pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da graduação e da pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Coordenadora das Atividades Complementares do Centro de Comunicação e Letras da UPM. E-mail: elainelatim@mackenzie.br

** Mestre em Direito Político e Econômico pela UPM. Professor do curso de Direito e coordenador da Coordenadoria de Apoio Discente do Decanato Acadêmico da UPM.

1 A palavra “arquétipo”, para Junito Brandão (1997), significa, etimologicamente, modelo primitivo, ideias inatas, pois *arque* é início, origem, e *tipo* traz a ideia de algo cunhado, imagem, norma; daí significar forma básica ou originária. O termo foi empregado pela primeira vez pelo psicólogo Carl Jung como “conteúdo do inconsciente coletivo” – uma área do cérebro que incluiria um repositório de vivências imaginárias.

verificar os atributos constitutivos do feminino e de estabelecer um elo entre as figuras míticas e a mulher Maria da Penha.

Tanto Dafne (*Met.* I, p. 548-553) quanto Eco (*Met.* III, p. 395-401) pertencem ao imaginário cultural e intelectual, que perpassam a obra da antiguidade clássica, cuja abordagem procura, sob a óptica mítica, narrar a história da Humanidade. Por serem os mitos eternos e atemporais, e mantidos por performativos culturais para a constituição do arquivo histórico, as figuras míticas podem versar a respeito dessa modalidade narrativa para explicitar a situação da mulher no mundo. Os dois modelos distintos de identidades femininas, Dafne e Eco, podem se reatualizar pela História, ou seja, Dafne permanecerá viva na figura de loureiro, mas será a mulher que sabe dizer Não, impondo sua decisão, enquanto Eco, em rochedo, ecoará eternamente sua voz, escolhendo as palavras que deseja enunciar. Em uma linha comparativa, Maria da Penha, ao sofrer sua tragédia doméstica, torna-se um “mito”, eternizando-se por meio da palavra, que verbaliza a dor da agressão, impondo o Não da mesma forma que a figura mítica Dafne faz e adquirindo Voz da mesma forma que Eco, a ponto de ter registrado seu nome como lei² diante dos homens. Segundo a pesquisadora Zinani (2006, p. 187), a constituição da identidade é perpassada pela linguagem, que, como construção simbólica, pode veicular preconceitos e estabelecer discriminação ou ser um elemento de emancipação.

Como figuras míticas, Dafne e Eco representam modelos femininos distintos. Por um lado, a ninfa Dafne é perseguida pelo deus Apolo que a ama, mas ela o rejeita tanto que acaba por ser metamorfoseada em um loureiro (*Met.* I, p. 548- 553) para não se entregar aos caprichos divinos; por outro, Eco é a ninfa que ama, que persegue o jovem Narciso, mas por ele é tão rejeitada que acaba por se definir e por se transformar em um rochedo, restando-lhe apenas a voz que se perpetua em eco. Embora sejam modelos distintos, exemplificam a trajetória feminina que adquire voz e presença, ao marcar seu espaço e ao construir sua história. Maria da Penha não é a ninfa mítica, mas é a mulher, que, por seis anos de casamento, foi agredida pelo marido, que tentou assassiná-la, por duas vezes, em virtude de seu ciúme doentio. Após a segunda tentativa de homicídio e por tanto tempo em silêncio, ela denunciou o marido agressor, adquirindo, com sua atitude, a VOZ firme da mulher a ponto de criar-se a lei, que recebe seu próprio nome. E assim, Penha torna-se o mito, não como emblema de violência, mas como emblema da Coragem e da Voz que sabe gritar Não à Violência, embora tenha sido injustiçada por muito tempo.

Conforme Eliade (2010, p. 10), o mito é o relato de uma história considerada verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, *illo tempore*, quando, a partir da interferência de “Entes sobrenaturais”, uma realidade passou a existir. Ainda segundo seus estudos, o mito foi ou ainda é vivo no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência.

2 A lei de número 11.340, Lei Maria da Penha, foi decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 7 de agosto de 2006. Dentre as muitas mudanças sofridas pela lei, está o aumento quanto ao rigor das punições das agressões contra a mulher quando ocorridas em âmbito doméstico ou familiar. A lei entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006, tendo por finalidade fazer ecoar, na sociedade, políticas públicas que impeçam a violência doméstica e familiar contra a mulher, buscando eliminar todas as formas de discriminação contra elas.

Maria da Penha não pertence aos tempos dos princípios, *in illo tempore*, mas sua história é verdadeira e se concretiza nas páginas reais da História da Humanidade, pois carrega as marcas impressas da violência em seu próprio corpo. Penha, como é chamada, se expressa como mito por retratar uma verdade, de algo que realmente existiu no mundo e ainda existe: a agressão à mulher e o desrespeito ao ser humano; não possui o caráter sagrado do mito, como interferência de um Ente sobrenatural, mas possui o caráter sublime da coragem de conquistar o espaço e a Voz de Esperança para a mulher reprimida. Além da sacralidade, o mito, conforme Eliade (2010, p. 11), influencia a vida humana por ser um modelo de conduta. Assim, Maria da Penha, ao denunciar o agressor, transforma-se, como uma metamorfose, em um mito, ao se expressar como um modelo exemplar para tantas mulheres agredidas. A partir do exemplo de Penha, as mulheres ganham coragem e Voz para conquistar seu espaço feminino, pois passados 15 anos ainda não havia uma decisão final de condenação pelos tribunais nacionais. Diante disso, mulheres, em forma de coro, denunciaram a tolerância da Violência Doméstica contra Maria da Penha por parte do Estado brasileiro, pelo fato de não ter adotado, por tanto tempo, medidas efetivas necessárias para processar e punir o agressor. Relata-se que, no ano de 2001, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, em seu Informe n. 54, de 2001, responsabilizou o Estado brasileiro por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica contra as mulheres.

Quanto às figuras míticas, verifica-se, na obra ovidiana, que a abordagem do poeta expõe, de forma indireta, o problema de coerência representativa, que está ligado à dupla imagem dos deuses na mitologia. No livro I das *Metamorfoses*, o deus do Sol, Apolo, torna-se vítima do amor e causa da metamorfose da ninfa Dafne em um loureiro (*Met.* I, p. 548-553). Esse episódio registra, enfaticamente, uma transição que se expressa como um ponto simbólico, pois, até o momento, os deuses reunidos em *concilium deorum* tinham sido solenes, segundo Otis (1966, p. 102); todavia, agora, com a presença de Apolo, há a apresentação de outro comportamento: um deus presunçoso, totalmente humanizado, que desesperadamente implora o amor da bela ninfa, tornando-se cativo dessa paixão.

Cupido, deus do Amor, fere, com a flecha *auratum*, Apolo, que imediatamente parece uma tocha se queimando de paixão por Dafne, deus *in flammis* (*Met.* I, p. 495-503); com a de chumbo, *plumbum*, fere Dafne, para fazer que Apolo a ame sem possibilidade de ser correspondido, instaurando-se de tal forma uma problemática relação amorosa: amar e não ser amado. A ninfa Dafne foge (*fugit*), consumida pelo poder do chumbo (*plumbum*), tornando-se insensível e indiferente ao deus do Sol. Segundo afirmações de Ahl (1985, p. 131), está contido, na palavra *flammis*, o vocábulo *amor*, pois é notável que Apolo, o deus solar, ao ser destruído pelo fogo da paixão e ao ser invadido pelo poder da flecha de ouro, incendia-se por amar a ninfa.

Ao fugir de Apolo, a descrição da corrida de Dafne, antes de sua transformação, já oferece a imagem de árvore, perceptível pelas palavras que compõem o anagrama: *ora rubore*, evidenciado no movimento que a ninfa faz com o rosto coberto de rubor, *pulchra uerecundo suffuderat ora rubore* (*Met.* I, p. 484) (cobrir-lhe de modesto rubor o belo rosto). Na metamorfose, Dafne não consegue mais se mexer, pois descobre que está presa por raízes:

*Há pouco, o pé tão veloz se fixa nas preguiçosas raízes, a cabeça tem o cimo de uma árvore; nela permanece apenas um único brilho*³.

Mesmo que Dafne tenha sido transformada em loureiro, Apolo sente ainda, sob a cortiça da árvore, palpitar o peito da amada, abraçando seus ramos como se fossem membros – *complexusque suis ramos* (Ov. *Met.* I, p. 555). A ninfa perde sua aparência humana, mas ao preservar sua virgindade, torna-se a representação da Alma pura e simboliza a figurativização da mulher que não aceita o amante apaixonado, enquanto Apolo é a representação da infelicidade no amor, mesmo que consiga transcendê-lo, pois fará da mulher transformada seu símbolo de Conquista.

Apesar de ser metamorfoseada em árvore (*Met.* I, p. 557-558) e recusar o amor de Apolo, Dafne torna-se sua árvore, ficando nos cabelos divinos, em sua cítara, em sua aljava, acompanhando os triunfos dos capitães romanos. Como a cabeça do deus do Sol é sempre jovem, assim a folhagem da árvore também será. Na metamorfose de Dafne, primeiramente aparecem-lhe *ramos*, que em um ablativo absoluto o vocábulo se torna *ramis*, um simples anagrama que transforma os braços tanto em armas quanto em amor (AHL, 1985, p. 138-139), exatamente como se fosse uma mulher guerreira. Desenha-se, no discurso ovidiano, a imagem da mulher, que não cede aos caprichos masculinos, pois tem os braços transformados em armas. De uma forma similar, Maria da Penha, ao sair do silêncio, lutou, com todas as armas, contra seu agressor, pois a história de Penha foi o primeiro caso de aplicação da Convenção de Belém do Pará⁴.

Dafne foi perseguida por um deus, que desejava violentá-la, mas foi salva e metamorfoseada em árvore. Maria da Penha, sempre violentada por seu marido, recebeu dois tiros nas costas, enquanto dormia, e conseqüentemente ficou paraplégica. No entanto, não se metamorfoseou em árvore ou em rio, não foi salva pelos deuses olímpicos, mas ela se metamorfoseou na Voz da Conquista, tornando-se o próprio símbolo de Salvação para tantas mulheres. Afirma-se que ela vivencia a tragédia da violência doméstica, mas se apresenta como a conquista da mulher guerreira. Ela é a voz da mulher, que foi silenciada, sufocada por medo; no entanto, a conquista do espaço feminino, conforme afirmações de Zinani (2006, p. 25), como já mencionado, aconteceu na medida em que ela conseguiu assumir seu discurso e realizou sua arte, centrada na figura feminina, adquirindo voz e visibilidade. Por isso, no dia 7 de agosto de 2006, foi sancionada a lei Maria da Penha pelo presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. O presidente não é um Ente sobrenatural, mas ao dar, por meio de sua autoridade, nome e voz à lei, confere à figura feminina Maria da Penha o significado de mito, pois uma realidade passou a existir. E em uma relação homonímica, o nome se vivifica pela lei Maria da Penha e a história de Penha se ritualiza e reatualiza, todas as vezes em que uma mulher agredida tiver a coragem de denunciar seu agressor. Conforme Brandão (1997, p. 39), rememorando os mitos, reatualizando-os, renovando-os por meio de certos rituais, o homem torna-se apto a repetir o que os

3 *Pes modo tam uelox pigris radicibus haeret, Ora cacumen habent; remanet nitior unus in illa* (Ov. *Met.* I, p. 551-552). Todas as traduções de latim foram feitas por Elaine Cristina Prado dos Santos.

4 A utilização desse instrumento internacional de proteção aos direitos humanos das mulheres e o seguimento das peticionárias perante a Comissão, a respeito do cumprimento da decisão pelo Estado brasileiro, foi decisiva para que o processo fosse concluído em âmbito nacional e, posteriormente, para que o agressor fosse preso, em outubro de 2002, quase 20 anos após o crime, poucos meses antes da prescrição da pena.

deuses fizeram “nas origens”, porque conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Sendo assim, todas as vezes que uma mulher agredida denunciar o seu agressor e este for punido pela Lei Maria da Penha, rememora-se e reatualiza-se a Voz conquistada pelo espaço feminino de Penha.

Na obra latina, em que tudo é metamorfose, pois tudo é transformação, o poeta apresenta o mito de Narciso (*Met.* III, p. 339-510) com uma digressão da história de Eco embutida na narrativa (*Met.* III, p. 356-401). Pelas versões gregas, conforme os estudos de Galinsky (1975, p. 52), Narciso era um jovem de dezoito anos, que se tornou uma vítima da fascinação por sua própria imagem refletida em uma fonte. Segundo Ovídio, Narciso era um jovem que não tinha a capacidade de perceber o mundo além dele mesmo.

Conta-se o destino de Narciso, com a apresentação de sua mãe Liriope, que foi consultar o cego Tirésias, porque quisera saber se o filho viveria muito. Liriope teve a seguinte resposta do adivinho: *Si se non nouerit* (*Met.* III, p. 348) (Se ele não se conhecer). Confirma-se a apresentação de um presságio sério ao registrar a impossibilidade de Narciso se conhecer. A partir dela, altera-se a direção da narrativa com a lembrança de uma história precedente, quando Juno pune alguém, que se coloca em favor de seu esposo Júpiter (*Met.* III, p. 362-365). A deusa, enfurecida, castiga a ninfa Eco, por possuir o talento da eloquência e por usá-lo diversas vezes para distrair a própria deusa, quando esta queria surpreender e castigar as ninfas deitadas com seu marido Júpiter (*Ov. Met.* III, p. 362-365).

Enquanto Eco conversava com Juno, as ninfas ganhavam tempo e podiam fugir do castigo da deusa. Ao perceber a artimanha de Eco, a esposa de Júpiter, sentindo-se traída pela ousadia de tal comportamento, puniu a ninfa, reduzindo sua fala eloquente ao uso brevíssimo da palavra a ponto de Eco só conseguir repetir o que ouvia, ou melhor, apenas o final da sentença (*Met.* III, p. 366-369). É extremamente significativa a justaposição dos dois destinos, o de Eco e o de Narciso, pois Eco é aquela que vê, mas não pode falar, nem abordar Narciso, emitindo palavras carinhosas. Por outro lado, Narciso é aquele que vê e que fala (*Met.* III, p. 390-391), mas representa o inacessível, fugindo. Eco é aquela que segue furtivamente as pegadas de seu amado. Apesar de toda impossibilidade da fala, Eco, com a ajuda sutil do poeta Ovídio, consegue estabelecer um diálogo completo com Narciso, dando sentido e vida a sua voz:

Por acaso, o jovem, separado do grupo fiel dos companheiros, dissera: “Aqui está presente alguém?” “Alguém”, respondera Eco. Ele se admira e olha por todas as partes à sua volta. Ele clama com alta voz: “Vem!” Eco repete o mesmo convite. Ele olha para trás, e, não vendo ninguém se aproximar, pergunta: “Por que foges de mim?” E ouve as mesmas palavras que dissera. Insiste, e, iludido pela voz que parece alternar com a sua, convida: “Aqui, unamo-nos!” Não houve palavra à qual Eco pôde responder com muito prazer: “Unamo-nos” Ela repete e ajunta o gesto à palavra e, saindo da floresta, avança para abraçar o desejado. Ele foge, e diz, ao fugir: “Afasta-te de mim, retira estas mãos que me enlaçam! Antes eu morrer que me entregar a ti!” Eco somente repetiu: “Me entregar a ti”⁵.

5 Forte puer, comitum seductus ab agmine fido,
Dixerat: “Ecquis adest?” et “adest” responderat Echo.
Hic stupet, utque aciem partes dimittit in omnis,
Voce “Veni” magna clamat; uocat illa uocantem.

A história de Eco exemplifica a incapacidade trágica de Narciso não conseguir se estender a outro ser além dele mesmo. Quando ele tenta finalmente fazê-lo, ele se apaixona por sua imagem refletida. Fecha-se o círculo e o final é a própria morte de Narciso, que, ao olhar sua imagem refletida, cai de amor por si mesmo. No momento da morte, quando Narciso simplesmente desaparece, uma flor surge em seu lugar (*Met.* III, p. 493).

Conta-se a história de Eco por Ovídio como um prelúdio à história de Narciso, cujo desdém é considerado a causa da metamorfose da ninfa em rochedo, pois antes ela tinha um corpo, ainda que já estivesse privada do uso integral da palavra. O mito de Eco neste ponto é dupla: por um lado, Juno a castigou pela habilidade demasiada de suas conversas, com que seduzia a deusa, distraindo sua atenção dos amores adúlteros de Júpiter. Portanto, foi por ter falado demais e pelo uso enganador que deu às suas conversas que ela se acha privada ao mesmo tempo da abundância e da iniciativa da palavra: daí em diante ela só conseguirá repetir os últimos sons ouvidos, sem poder comunicar desejos, inquietudes ou sinais de alerta; mas conservará a faculdade essencial da voz de poder escolher os sons que irá repetir (*Met.* III, p. 359-377).

Para que se possa entender o mito, Narciso e Eco estão em uma relação dialética de opostos complementares, não só de masculino e de feminino, mas, sobretudo, de sujeito e de objeto, de algo que permanece em si mesmo e de algo que permanece no outro. Além do mais, a história de Eco está ligada à dissociação conjugal do casal olímpico, Júpiter e Juno, porque Eco é castigada, exatamente, por dar cobertura aos adultérios do deus dos trovões. Tal castigo se configura como imagem de uma dissociação real entre o pai e a mãe dos deuses e dos homens.

Narciso e Eco são dois caminhos provenientes de uma raiz comum, do sofrimento cultural, pois eles se encontram, mas não conseguem se resolver e mais ainda acabam por se separar. Pode-se dizer que fica desse encontro-desencontro a marca de uma discórdia e de uma tragédia, que muito se elucida sobre a realidade do homem e da mulher, a realidade da relação conjugal e, mais que tudo, a realidade do desenvolvimento psicológico da personalidade individual e da cultura. Como se pode observar na história de Maria da Penha como de tantos outros casais: uma história feita de encontros e desencontros, marcada tragicamente pela discórdia e pela violência. Por muito tempo, Penha sofreu as agressões e ameaças do marido: dois tiros em suas costas, deixando-a paraplégica e, por fim, tentou eletrocutá-la durante o banho. Só depois de tudo isso, Penha tomou coragem e decidiu finalmente separar-se.

Os dois mitos e sua respectiva simbologia, aqui apresentados, são elementos pertencentes ao imaginário cultural e intelectual que perpassam a obra *As Metamorfoses*, entretanto os mitos, como modalidades de perceber aspectos da realidade humana, possibilitam o afloramento da função simbolizadora da ima-

*Respicit et rursus nullo ueniente: "Quid" inquit
"Me fugis?" et totidem, quot dixit, uerba recepit.
Perstat et alternae deceptus imagine uocis:
"Huc coeamus" ait nullique libentius umquam
Responsura sono "coeamus" rettulit Echo;
Et uerbis fauet ipsa suis egressaque silua
Ibat, ut iniceret sperato bracchia collo.
Ille fugit fugiensque "manus complexibus aufer;
Ante" ait "emoriar quam sit tibi copia nostri".
Rettulit illa nihil nisi "sit tibi copia nostri" (Ov. Met. III, p. 379-392).*

ginação. Tanto Dafne quanto Eco, na obra, podem abordar essa modalidade narrativa para explicitar a situação da mulher no mundo. Dafne apresenta-se como a representação da Virtude por não ceder aos caprichos e aos impulsos do deus Apolo, por não se deixar ser machucada, como Maria da Penha e tantas outras mulheres que não querem ceder aos caprichos e aos impulsos do sexo oposto. Eco torna-se o complemento de Narciso, ao ser a Voz que lhe dá vida; Maria da Penha é a Voz de todas as mulheres que querem dar seu grito de Libertação aos grilhões da Violência e aos abusos domésticos.

Como os mitos são eternos e atemporais, mas alimentados por performativos culturais para a formação do arquivo histórico, pode-se fazer a seguinte leitura: hoje Dafne representa não o loureiro de raízes presas à terra, não apenas o símbolo da Vitória ou da eterna coroa de Apolo, mas ela se torna a Vitória da mulher, que conquista a ousadia de escolher e de poder dizer não, capaz de sublimar o Amor. Pode-se conceber Dafne como a mulher que começa a se conscientizar, subvertendo os costumes, superando o papel subalterno. Eco, por sua vez, não é o rochedo que apenas ganha voz; no entanto, transformada em pedra, torna-se não um eco, mas uma “Voz” com palavras escolhidas por ela, de tal forma que se afirmar, neste ponto, o princípio constitucional consagrado nos dias de hoje que se consubstancia no direito inalienável de que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. Assim a ninfa Eco pode representar a linguagem feminina, que utiliza a totalidade dos recursos linguísticos, ao expressar sua consciência. Maria da Penha é a mulher, farmacêutica bioquímica, que hoje é Presidente do “Instituto Maria da Penha”, cuja tarefa é conscientizar as mulheres a respeito de seus direitos, conquistados, com muito sacrifício, nos meios sociais e transportados para a Carta Magna Lei Maior Brasileira e colocados em prática pela Lei n. 11.340 de 7 de agosto do 2006.

Por meio dessa óptica entre o Mito e o Direito traçada neste trabalho, constatou-se que as figuras míticas aqui apresentadas, por representarem a imagem da dinâmica feminina à época retratada, foram transportadas para o direito contemporâneo que, ao contrário do sistema patriarcal que apontava a dominação masculina sobre a mulher, contempla os mesmos direitos em igualdade com os homens, embora, na prática, muitas mulheres ainda sofram a violência praticada por seus companheiros que insistem em se colocar em um patamar superior na relação doméstica e familiar. Essa violência é trazida à baila pelos meios de comunicação e se apresentam das mais variadas maneiras, mas seguramente todas elas ferem a dignidade humana. Em uma linha comparativa, constatou-se que as figuras míticas, Dafne e Eco, representam a imagem de uma dinâmica feminina complexa, delineando o eterno mito feminino que sempre registrará a História do universo do ser humano.

REFERÊNCIAS

AGENDE. Disponível em: <<http://www.agende.org.br/docs/File/convencoes/belem/docs/casomariadapenha>>. Acesso em: 15 maio 2012.

AHL, F. *Metaformations: soundplay and wordplay in Ovid and other classical poets*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1985.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- ELIADE, M. *Mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GALINSKY, G. K. *Ovid's metamorphoses*. An introduction to the basic aspects. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1975.
- INSTITUTO MARIA DA PENHA. Disponível em: <<http://www.mariadapenha.org.br>>. Acesso em: 15 maio 2012.
- OBSERVATÓRIO LEI MARIA DA PENHA – OBSERVE. Disponível em: <http://www.observe.ufba.br/lei_mariadapenha>. Acesso em: 15 maio 2012.
- OTIS, B. *Ovid as an epic poet*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- OVID. *Les métamorphoses*. Tomes I, II, III. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1994.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 15 maio 2012.
- SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. Disponível em: <<http://www.sepm.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2012.
- ZINANI, C. J. A. *Literatura e gênero*. A construção da identidade feminina. Rio Grande do Sul: Educs, 2006.

SANTOS, E. C. P. dos; ZOCCRATTO, S. de S. Myth and law: the feminine figures – Daphne and Echo – and Maria da Penha. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 147-154, 2012.

Abstract: This paper aims to present the construction of the feminine identity, showing that the archetypes are treated as psychic potentials, related to the universal experiences of Mankind. In order to achieve such objective, the myths of Daphne and Echo, extracted from the Latin poet Ovid, I b. C, in Metamorphoses, will be selected with the intention of verifying the constitutive attributes of feminine and establishing a link between the mythical elements – Daphne and Echo – and the woman Maria da Penha.

Keywords: myth; law; Maria da Penha.

Recebido em abril de 2012.

Aprovado em abril de 2012.